



ASSEXUALIDADE EM SERIADOS TELEVISIVOS: UMA ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA

Camila dos Anjos Falcão¹
Maria Laura Barros da Rocha²
Alana Madeiro de Melo Barboza³
Luciano Domingues Bueno⁴

RESUMO

Os seriados televisivos têm ocupado destaque na produção cultural na contemporaneidade. Utilizá-los como recurso de investigação científica visa construir um percurso metodológico capaz de subsidiar a análise sócio-histórica de aspectos psicossociais materializados e divulgados massivamente por esse canal. Sua interface com os estudos de gênero busca construir diálogos que viabilizem avanço de viés crítico na proposição de conceitos acerca de como a assexualidade é representada nesses produtos. Para isso, desenvolveu-se um estudo descritivo-interpretativo, a partir da base online Internet Movie Database (IMDb). Na base de dados os títulos *Better Half* da série *House M.D.* e *The Laws of Gods and Men* de *Game of Thrones*, foram identificados como potencializadores da discussão da assexualidade. A partir dos episódios investigados foi possível aferir a assexualidade nos seguintes contextos: tratada como fenômeno desviante e patologizado; como aspecto pouco representado nos seriados; ou como parte de possibilidade de ser e existir no mundo. Por fim, os seriados são capazes de dar visibilidade a categoria assexualidade e também evidenciam a necessidade de construção de perspectivas de sexualidade mais inclusivas e menos norteadas por ideais hegemônicos.

Palavras-chave: Assexualidade, Sexualidade, Televisão, Arte, Psicologia Sócio-histórica.

INTRODUÇÃO

A assexualidade é definida, em linhas gerais, por uma ausência de atração sexual por outras pessoas, independente de gênero (BRIGUEIRO, 2013; BEZERRA, 2015). Assim como outras orientações sexuais, ela uma categoria definida em um processo auto identificatório. Desse modo, por conta de um lugar de invisibilidade social que a assexualidade ocupa, é possível que os dados quantitativos que indicam uma população de 7% mulheres e 2,5%

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. camila.danjos@gmail.com.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). laurabarrosrocha@gmail.com.

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. madeiro.alana@gmail.com.

⁴ Residente no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde do Adulto e do Idoso – UFAL/HUPAA, lucianodbueno@gmail.com.

homens assexuais (FREITAS, 2017; LEMOS, 2018; VERRUMO, 2019) não correspondam ao número real, mas sim àquelas pessoas que tiveram acesso ao conceito e a linguagem para definir sua experiência nas palavras usadas pelos pesquisadores.

A invisibilidade social da assexualidade se fortalece através de mecanismos que perpetuam uma ideia que atração sexual seria uma característica humana inata (MOLLET; LACKMAN, 2019). Em seu estudo com estudantes canadenses, MacInnis e Hodson (2015, p. 725, tradução nossa) apontam que assexuais são “um alvo social avaliado mais negativamente, vistos como menos humanos e menos valorizados como parceiros de contato, em relação a heterossexuais e outros minorias”.

As categorias como homossexualidade, heterossexualidade e bissexualidade são construídas a partir de um direcionamento da atração sexual (ao mesmo sexo, ao oposto ou a ambos), em uma lógica na qual a sexualidade é determinada pelo direcionamento ao outro. Todavia, a assexualidade, por caracterizar-se pela ausência desse direcionamento, fica impossibilitada de ocupar um espaço dentro do discurso hegemônico e allonormativo⁵, que procura justificativas em discursos biomédicos patologizantes ou que a colocam em um lugar de inexistência.

Quando esse *não lugar* que a assexualidade ocupa é encarnado em um roteiro ou personagem, a mídia faz com que ele seja visível. Desse modo, voltar o olhar de análise para a representação da assexualidade nas séries, parte da compreensão de que este é um meio de grande alcance ao público que participa na construção e disseminação de discursos acerca dos temas sobre os quais versam, além de ter o poder de produzir efeitos no imaginário social. Justificativa que ganha relevância por conta da importância que os recursos imagéticos têm alcançado na contemporaneidade e sua potencialidade nas pesquisas qualitativas (BAUER; GASKELL, 2002; BUENO, 2017).

Dessa forma, foram realizados estudos investigativos da construção do conceito de assexualidade (BARBOZA et al, no prelo), buscando compreender não só como ele estava sendo utilizado academicamente, mas também o que estava sendo produzido acerca daquilo que poderia ser característico de uma experiência assexual. Os dados apontaram para a dificuldade em encontrar produções sobre a temática no cenário brasileiro apesar de o país ser um dos que possuem o maior número de assexuais autodeclarados (FREITAS, 2017; LEMOS, 2018; VERRUMO, 2019).

⁵ Termo que teve sua gênese na comunidade assexual e foi incorporado por pesquisadores para referenciar a forma como a sociedade percebe sexo e atração sexual como algo intrínseco da experiência humana.

Nesse sentido, são necessários alguns esclarecimentos entre categorias comumente confundidas no imaginário social e tratadas como sinônimos: celibato e assexualidade. Este equívoco se deve, principalmente, a uma confluência entre orientação e comportamento sexual. A orientação sexual corresponde ao direcionamento da atração ou desejo sexual para pessoas do mesmo gênero (homossexualidade), do gênero oposto (heterossexualidade), de ambos os gêneros (bissexualidade) ou, no caso da assexualidade, o não direcionamento da atração para outras pessoas.

Em contraponto, comportamento sexual concerne às práticas sexuais ou a sua abdicção, ou seja, é da ordem de uma escolha, enquanto que a orientação corresponde a algo involuntário. Por ser uma conduta escolhida pelo sujeito, ela não precisa necessariamente corresponder à sua orientação sexual, de modo que alguns assexuais, apesar de não sentirem atração sexual para com seus parceiros românticos, engajam em práticas sexuais, por diversos motivos, como por exemplo, a manutenção de um relacionamento com alguém que não é assexual; da mesma forma, alguém heterossexual, pode optar, por conta de suas crenças religiosas, abdicar da prática sexual.

Outra distinção necessária é entre *assexuado/a* e *assexual*. O primeiro termo está relacionado a estudos da biologia sobre reprodução assexuada, em que os organismos se reproduzem sem troca de material genético, como é o caso das bactérias. A necessidade de discernimento entre os dois termos apresenta-se quando comparado às outras orientações sexuais, as quais terminam com o sufixo “sexual” e não “sexuado”. Isto é, se dizemos “heterossexual” e não “heterossexuado”, porque utilizaríamos “assexuado” ao invés de “assexual”?

Dentro da perspectiva Sócio-histórica em Psicologia as produções culturais ganham destaque como formas de objetivação de aspectos psicossociais de determinada realidade histórica (VIGOTSKI, 1999; 2009; WEDEKIN; ZANELLA, 2013; WEDEKIN, 2015). Na interface com as discussões advindas dos estudos de gênero, busca-se refletir quais configurações psicossociais estão objetivadas na videografia estudada e quais avanços metodológicos são possíveis na utilização deste tipo de produção como recurso investigativo.

Como produto artístico, as séries podem ser compreendidas como artefatos culturais mediadores entre o indivíduo e o gênero humano (VIGOTSKI, 1999). Dessa maneira, a produção artística e cultural não é neutra e precisa ser estudada em seu contexto histórico e político. Isto é, as produções artísticas permitem o acesso e compartilhamento de sistemas simbólicos e culturais (VIGOTSKI, 1999; BARROCO; SUPERTI, 2014). A potencialidade

das análises psicossociais da ficção foi verificada em estudos anteriores de pesquisadores do grupo de pesquisa (SILVA; OLIVEIRA, 2013; SILVA; OLIVEIRA, 2014; OLIVEIRA et al, 2019)

A arte como concentração de vida (VIGOTSKI, 1999) é uma das principais proposições vigotskianas. Nessa direção, temos interesse em produzir interrogações acerca de possíveis concentrações psicossociais e de vida nos personagens analisados. Ou seja: quais conceitos podem ser formulados sobre a assexualidade, de maneira crítica, a partir dos aspectos materializados nos personagens dos seriados estudados?

Para tanto, este estudo tem como objetivo investigar e refletir criticamente sobre a assexualidade em narrativas serializadas e suas possíveis repercussões no imaginário social acerca desta orientação sexual. Em busca das respostas aos questionamentos da pesquisa, realiza-se um mapeamento séries e discussão de personagens assexuais indicados na base *Internet Movie Database* (IMDb).

METODOLOGIA

O estudo descritivo-interpretativo da assexualidade em de séries de televisão, por meio de coordenadas metodológicas desenvolvidas no grupo de pesquisa *Epistemologia e Ciência Psicológica* (OLIVEIRA et al., 2017; OLIVEIRA et al, 2019) e adaptadas para corresponder de forma mais integral aos objetivos traçados: exploração, cruzamento, refinamento, descrição e interpretação.

Coleta de dados

A etapa de exploração diz respeito aos procedimentos de escolha do banco de dados, dos descritores e consolidação da amostra (OLIVEIRA et al, 2017). A base online *Internet Movie Database* (IMDb) foi escolhida por fornecer informações acerca de séries e filmes, além de permitir a consulta através de palavras-chaves (*keywords*) e a utilização de filtros de pesquisa que auxiliam no refinamento da amostra. Além disso, a potencialidade dessa plataforma como base de dados para mapeamento e análise psicossocial foi explorada em estudo anterior do grupo de pesquisa (OLIVEIRA et al, 2019).

Na consulta ao banco foram inseridos, de forma individual, os descritores *assexual* e *asexuality* na base online que indicaram 60 títulos. Com o filtro “*TV Episode*”, o quantitativo diminuiu para oito títulos. A utilização dos termos em inglês deve-se ao fato de essa ser a

língua utilizada pela plataforma, dessa forma, estas são as palavras-chave reconhecidas pelo banco.

Armazenamento e Tratamentos dos dados

A fim de detectar possíveis duplicações, realizou-se a etapa de cruzamento, que corresponde à comparação entre os títulos indicados para a exclusão de material repetitivo. Entretanto, ao final do cruzamento não foram encontradas duplicações no quantitativo, de modo que as páginas *online* referentes à pesquisa foram salvas em PDF e armazenadas no *Google drive*. As informações relevantes para a pesquisa foram sistematizadas em uma planilha *Excel*, como descrito na Fig. 1.

Figura 1 – Recorte da tabela de sistematização das informações

A	B	C	D	E	F	G	H	I
Nome do Episódio	Nome da Série no Brasil	Nome Original da Série	Criador/a	Ano	País	Gênero	Descritor	Sinopse do Episódio
Better Half	Dr. House	House MD	David Shore	2012	EUA	Drama, Mistério	Asexual	An Alzheimer's patient visits Princeton Plainsboro as part of a hospital sanctioned drug trial, but when he inexplicably suffers from violent vomiting and an increasingly explosive temper, the team begins to unravel a deeper marriage conflict between the patient and his dutiful wife. Meanwhile, House and Foreman butt heads, and Wilson treats a patient who claims to be in a chaste marriage.
Fry Am the Egg Man	Futurama	Futurama	Matt Groening	2011	EUA	Animação, Comédia, Ficção Científica	Asexual	Leela buys some alien eggs, and Fry decides to hatch one of them instead of eating it, hoping to get a pet bird, but gets something else instead
Lola Wlodkowski	Estética	Nip/Tuck	Ryan Murphy	2009	EUA	Drama	Asexual	A medical consultation with one of Liz's friends, named Lola Wlodkowski, cause Christian to reconsider re-starting a possible romance with Kimber. Meanwhile, Sean begins to emotionally heal after an encounter with a pair of perfection seeking patients, named Tracy and Skip, who model themselves in the exact likeness of Barbie and Ken dolls.
The Laws of Gods and Men	Game of Thrones	Game of Thrones	David Benioff; D.B. Weiss	2014	EUA	Ação, Aventura, Drama	Asexual	Tyrion's trial has come. Yara and her troops storm the Dreadfort to free Theon. Daenerys meets Hizdar zo Loraq. Stannis makes a deal with the Iron Bank of Braavos

Fonte: Autores (2019).

Em seguida, para consolidar a qualificação da amostra realizou-se o refinamento que consiste na análise de quais materiais se relacionam com o objetivo da pesquisa. Esta etapa desenvolveu-se através de dois momentos, inicialmente foram identificados na própria plataforma dos títulos de ficção e, subsequentemente, os documentários foram excluídos da amostra. Já no segundo movimento refinatório, através da visualização dos episódios, foram

identificados àqueles que tratavam de alguma forma da assexualidade ligada à experiência humana desta, de modo que foram excluídos os títulos que tratavam de reprodução assexuada e modificações corporais para a construção de um corpo “assexuado”.

Com o material indicado ao final do refinamento, deu-se início a identificação das cenas e diálogos relevantes para o objetivo proposto, e por fim, realizou-se um processo descritivo e analítico através da interpretação do conteúdo das cenas. Compreende-se que a interpretação realizada é apenas uma das várias possibilidades de compreensão, de modo que não representa a verdade absoluta acerca dos fatos (VIGOTSKI, 1999; VIGOTSKI, 2001).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os 60 episódios indicados pela plataforma na consulta inicial, 52 não se tratavam de episódio de séries de TV, quatro não se tratavam de ficção e dois não estavam relacionados à orientação sexual (“*Fry Am the Egg Man*” de “*Futurama*” e “*Lola Wlodkowski*” de “*Nip/Tuck*”), de modo que durante o refinamento eles foram retirados da amostra.

Os títulos indicados pela plataforma IMDb nos permite perceber que, mesmo em uma plataforma que possui 4.044.529 títulos de episódios cadastrados (IMDB, 2019), a assexualidade aparece relativamente ausente das telas, com apenas um episódio que utiliza palavra assexualidade (como orientação sexual) entre os resultados indicados pelo banco.

Apesar de não corresponder aos objetivos traçados neste estudo (e de o episódio ter ficado de fora do *corpus* final da pesquisa), vale a pena descrever o contexto em que a palavra “assexual” aparece no episódio “*Fry Am the Egg Man*” (Ep. 22, 6ª temporada) da série estadunidense *Futurama*, uma vez que este auxilia na exposição de discursos que se fazem presentes no imaginário social da assexualidade, ou seja, a ideia que humanos são seres sexuais e os assexuais são só podem ser aqueles que se multiplicam e produzem cópias de si mesmo.

Futurama é uma série de ficção científica onde criaturas diversas e *aliens* aparecem, de modo que a figura de Mr. Peppy, uma criatura capaz de reprodução assexual não é tão fora do escopo da série. Ressalta-se que em nenhum momento da narrativa serializada há qualquer invalidação da assexualidade como orientação sexual ou sua apresentação como orientação sexual, de modo que, ao contrário do que acontece em *House M.D.*⁶, o episódio de *Futurama*

⁶ A representação da assexualidade em *Dr. House* será explorada no tópico a seguir.

não participa diretamente dos discursos problemáticos que tentam refutar a assexualidade como possibilidade da sexualidade humana. Entretanto, a posição de Mr. Peppy serve como ilustração daquilo que ainda continua presente no imaginário das pessoas como a única possibilidade de assexualidade: a biológica.

Considerando os objetivos, ao final do refinamento, a descrição e a análise voltou-se para a assexualidade apresentada em dois dos títulos indicados: “*Better Half*” da série “*House M.D.*” e “*The Laws of Gods and Men*” de *Game of Thrones*. O primeiro refere-se à discussão da temática da assexualidade, mais especificamente, a compreensão dos personagens acerca de sua inexistência, enquanto o segundo apresenta um personagem que apesar de não ter a sua sexualidade confirmada explicitamente no episódio, apresenta-se com características que ajudam a discutir a experiência assexual.

A medicalização da assexualidade em House M.D.

Em *Better Half*, nono episódio da oitava e última temporada da série norte-americana *House M.D.* (Dr. House, no Brasil), o telespectador é apresentado a uma paciente da clínica médica (que não recebe nome na série⁷ e é referenciada apenas como “a paciente”) que durante a consulta com Dr. Wilson, melhor amigo de House (personagem titular da série) fala que é assexual e que não mantém relações sexuais com “o marido” (a quem também não é designado um nome), o qual também é assexual. Intrigado com a fala da paciente, Wilson recorre a House, que em descrença aposta que será capaz de encontrar uma razão médica para a aparente assexualidade da paciente. O personagem House materializa o que podemos identificar como uma visão hegemônica da sexualidade, na qual aquilo que não se adequa a tal matriz lógica é enxergado com desviante e patológico.

House acaba descobrindo que apesar de não haver nada fisiologicamente errado com a paciente, seu marido possui um tumor cerebral que causa diminuição de libido e que é a “causa” da sua falta de atração. Ao descobrir sobre o tumor e que o tratamento poderia “curá-lo” de sua condição, a paciente desabafa que ela não é assexual, apenas havia dito isto por amor seu marido e por não querer que ele sofresse ao pensar que estaria privando ela de relações sexuais.

Apesar de as palavras assexualidade e assexual aparecem com frequência no episódio, a sua existência é negada o tempo todo, seja por considerar que é impossível que alguém

⁷ Eles tem nomes designados no IMDb, mas por não aparecer no episódio, decidimos manter a forma como foram tratados no episódio para evidenciar a despersonalização que a ausência de um nome lhe confere.

esteja vivo e não se interesse por sexo, ou por considerar que alguém que se diga assexual está mentindo ou precisa que um médico encontre a cura para algo que *precisa* estar errado com ela. Dentre os diálogos presentes no episódio nada ilustra melhor a visão perpetuada pelo episódio quanto à fala de Dr. House “As únicas [pessoas] que não querem fazer sexo estão doentes, mortas ou mentindo” (BETTER..., 2012, tradução nossa). Além de ilustrar um pensamento coletivo sobre a assexualidade presente no episódio, esta frase também serve para a condução de um final que apenas a reafirma.

Nesse sentido, não há espaço para a assexualidade dentro da narrativa de *Better Half*, apenas para a negação da sua existência e a disseminação de um tipo de (falta) de representação de assexuais que perpetua e dissemina preconceitos, além de, seja implícita ou explicitamente, defender a medicalização da assexualidade para que os sujeitos assexuais possam ser “normalizados”. Afinal, reiterando as palavras quase proféticas de House, ao final do episódio um deles estava doente e a outra estava mentindo.

É preciso dizer em voz alta para ser verdade?: o subtexto da assexualidade em *Game of Thrones*

Game of Thrones é uma série baseada na série de livros *As Crônicas de Gelo e Fogo* (*Song of Ice and Fire*, no idioma original) de George R. R. Martin. Apesar de ser uma série que possui enredos sexualizados e ter uma abundância de cenas de nudez, a discussão de orientações sexuais só está presente em *Game of Thrones* de forma implícita. Enquanto é inegável que há uma discussão sobre *sexualidade* na série, não há uma nomeação explícita orientações sexuais no diálogo de nenhum dos personagens (Hornby, 2019).

Desse modo, o fato da possível assexualidade de Varys não ser nomeada no episódio “*The Laws of Gods and Men*” (Ep. 6, 4ª temporada), ou em qualquer outro que o antecedeu ou procedeu, não é algo fora do comum. Por ter como inspiração a era medieval, a qual George R. R. Martin adiciona elementos de fantasia como magia e dragões, a sua visão da sexualidade parece seguir um tempo em que não se havia a necessidade ou prática de nomeação de uma sexualidade. Os personagens Loras e Renly, por exemplo, são homens que se apaixonam um pelo outro, mas não são denominados *homossexuais* porque essa palavra não está disponível no universo fictício do qual fazem parte, assim como ela não existia no mundo medieval (MILLS, 2015).

Nesse sentido, apesar de ser uma leitura de algo que não é explicitado na narrativa do episódio, optou-se por manter “*The Laws of Gods and Men*” no quantitativo por ele expressar

através do personagem Varys algo que, ainda que não nomeado, evoca uma experiência de assexualidade do personagem. Além disso, a presença do personagem em um mundo hipersexualizado como o de *Game of Thrones*, evidencia ainda mais a experiência de Varys que salta aos olhos como algo digno de nota.

O personagem Varys no início da série é eunuco e ocupa o cargo de Mestre dos Sussurros - um cargo de espionagem no Reino -, mas seu passado é retomado por ele em momentos pontuais, nos quais é revelado que ele costumava ser um escravo e foi castrado em sua juventude pelo seu mestre, um feiticeiro, em um ritual mágico. Outro aspecto importante de seu passado é retomado em “*The Laws of Gods and Men*” quando sua sexualidade é colocada em questão, pelo personagem Oberyn Martell, que curioso sobre as preferências de Varys, questiona por quem ele sentia desejo antes de sua castração:

Oberyn: Minha amante, Ellaria, lhe acharia muito interessante. Você deveria ir ao bordel e conhecê-la. Trouxemos nosso próprio vinho – não o suor que eles servem aqui – e temos alguns garotos adoráveis, mas... Você gostava de garotos antes (de se tornar eunuco)? [Varys balança a cabeça negativamente] Sério? Garotas? Hummm... Espero que você não se ofenda quando digo que nunca teria imaginado.

Varys: De forma alguma... mas eu também nunca me interessei por garotas

Oberyn: Em que, então?

Varys: Nada.

Oberyn: Todos se interessam por algo.

Varys: Eu não. Quando vejo o que o desejo faz com as pessoas – o que fez com esse país – eu fico feliz de não ter parte nisso. Além do mais, a ausência de desejo nos deixa livre para buscar... outras coisas. (THE..., 2014, tradução nossa).

Nesta cena, Oberyn e Varys aparecem como contrastes um do outro. A forma como Oberyn é hipersexual(izado) evidencia ainda mais o quanto Varys não é sexualizado pela narrativa. A confusão de Oberyn quanto à “falta de interesse” de Varys parte de suas experiências com seu próprio desejo, evidenciadas em “*Breaker of Chains*”, terceiro episódio da mesma temporada, onde o personagem fala sobre não ter preferências entre homens e mulheres:

Olyvar: Você gosta de ambos da mesma forma? Garotos e garotas?

Oberyn: Isso te surpreende?

Olyvar: Todo mundo tem uma preferência.

Oberyn: Então, todo mundo está perdendo metade dos prazeres do mundo. (BREAKER..., 2014, tradução nossa).

Apesar da confusão mostrada perante a uma informação nova para Oberyn, ele não parece desmerecer a forma como Varys se sente, ou mesmo tentar dissuadi-lo. Ao final da conversa, Oberyn parece acreditar em Varys e essa informação não parece invalidar o respeito que tem por ele. Nesse sentido, o episódio coloca dois pontos de vista em choque, duas

pessoas diferentes, mas ao mesmo tempo não enquadra nenhum dos dois como errados ou anormais.

Outro ponto importante é o fato de o personagem ser eunuco não é apontado como a causa de sua falta de atração (ou “interesse”, nas palavras do personagem). A pergunta de Oberyyn sobre se ele “gostava de garotos antes (de se tornar eunuco)?” (THE..., 2012, tradução nossa), é fraseada de forma a evidenciar que Oberyyn acredita que o comportamento atual de Varys poderia ser explicado por sua castração, contudo, a resposta é sobre uma ausência de desejo antes mesmo deste acontecimento. Dessa forma, ao falar sobre como ele era *antes* da castração, Varys descreve sua sexualidade não como resultado de uma violência ou da perda de algo, mas como parte inerente de si mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhece-se que as séries são um meio digital com potencialidades de disseminação de discursos de elevado alcance de telespectadores de diversas idades. Apesar disso, percebeu-se que a representatividade da assexualidade aparece em momentos escassos e de formas problemáticas, como sua negação a partir do discurso médico, ou sem o uso sua nomeação de forma clara.

Diante de uma sociedade ainda fortemente guiada pelo modelo allonormativo e pela hipersexualização, percebeu-se que o episódio *Better Half* não foge a esse modelo e, assim, corrobora com a invisibilidade e negação da existência da assexualidade como orientação sexual. Por outro lado, apesar da não nomeação explícita da assexualidade, o episódio de *Game of Thrones* apresenta uma construção do personagem Varys que não o coloca para ocupar o lugar de doente ou anormal. Entretanto, a falta do rótulo pode implicar no alcance menor do seu impacto na desconstrução de preconceitos fora da série, enquanto por usar o termo, o alcance de *House M.D.* em perpetuar certos estereótipos pode acabar sendo mais vasto.

Nesse sentido, a análise sócio-histórica de enredos serializados relacionados à assexualidade apresenta importância singular ao carregar a discussão sobre a temática para o meio científico e questionar a forma como mídias de comunicação em massa lidam com a representatividade, ou a ausência representação, de comunidades constantemente patologizadas e invisibilizadas.

REFERÊNCIAS

BARBOZA, A. M. M. et al. **Metassíntese do conceito de Assexualidade**. Ebook do IV Desfazendo Gênero, no prelo.

BARROCO, S.M.S.; SUPERTI, T. Vigotski e o estudo da Psicologia da Arte: contribuições para o desenvolvimento humano. *Psicologia & Sociedade*, v. 26, n. 2. P. 22-32, 2014.

BAUER, M.; GASKELL, G.(orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático** Petrópolis: Editora Vozes. 2002.

BRIGEIRO, M. A emergência da assexualidade: notas sobre política sexual, ethos científico e o desinteresse pelo sexo. **Sex., Salud Soc. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 253-283, Aug. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872013000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 Jul 2019.

BETTER half (Temporada 8, ep. 9). **House MD** [Seriado]. Direção: Greg Yaitanes. Produção: Elisabeth James, Gerrit Van Der Meer. EUA: Universal Television, 2012. (44 min.), son., color.

BREAKER of chains (Temporada 4, ep. 3). **Game of Thrones** [Seriado]. Direção: Alex Graves. Produção: David Benioff, D. B. Weiss. HBO, 2014. (57 min.), son., color.

BUENO, L. D. et al. Iconografia na investigação e intervenção de processos psicossociais. **Revista De Psicologia**, v.8, n.1, p.99-108, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/18783>> Acesso em 01 nov. 2019.

LE MOS, V. Quem são os assexuais: relatos de brasileiros que não se interessam por sexo. **BBC News Brasil**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-45634242>> Acesso em 30 out. 2019.

VERRUMO, M. Eles não pensam naquilo. **Superinteressante**. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/comportamento/eles-nao-pensam-naquilo/>> Acesso em: 30 out. 2019.

Freitas, H. Assexualidade: pouco discutida, mais comum do que se imagina. **O Estado de S. Paulo**. 2017. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,assexualidade-pouco-discutida-mais-comum-do-que-se-imagina,70002028481>> Acesso em: 30 out. 2019.

IMDB. **IMDb Statistics**. 2019. Disponível em: <<https://www.imdb.com/pressroom/stats/>> Acesso em: 01 nov. 2019.

HORNBY, S. M. **Game of Thrones: dangerous world where LGBTQ characters die young or rot in jail**. Disponível em <<https://www.asianage.com/life/more-features/240419/game-of-thrones-and-sexuality.html>> Acesso em: 01 nov. 2019.

MILLS, R. **Seeing Sodomy in the Middle Ages**. Chicago: University of Chicago Press, 2015.

OLIVEIRA, A. A. S. et al. As infâncias e crianças na filmografia de dramas. **Atas CIAIQ 2019**, v.1, n.1, 2019. Disponível em: <<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/view/2082>> Acesso em: 28 out. 2019.

OLIVEIRA, A. S. S. et al. A produção de conceitos e de métodos na pesquisa psicológica: contribuição da metassíntese ao conhecimento científico. In: OLIVEIRA, A. A. S (Org.). **Psicologia Sócio-Histórica e o contexto de desigualdade psicossocial: teoria, método e pesquisas**. Maceió: EDUFAL, 2017, p. 71-86.

SILVA, A. L.; OLIVEIRA, A. A. S. Transexualidade/tranvestalidade na literatura brasileira: sentidos e significados. **Arquivos brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 2, p.274-287, 2013. Disponível em<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672013000200009> Acesso em: 07 jul. 2019.

SILVA, A. L.; OLIVEIRA, A. A. S. Transexualidade e cinema: um estudo psicossocial. **POLEM!CA**, [S.l.], v. 13, n. 3, p. 1327-1334, jun. 2014. ISSN 1676-0727. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/11665/9148>>. Acesso em: 07 Jul. 2019.

THE Laws of Good Men. (Temporada 4, ep. 6). **Game of Thrones** [Seriado]. Direção: Alik Sakharov. Produção: Mark Huffam, Frank Doelger, Chris Newman, Greg Spence, Lisa McAtackney, Bryan Cogman e Duncan Muggoch. HBO, 2014. (51 min.), son., color.

VIGOTSKI, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da Arte**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WEDEKIN, L. M.; ZANELLA, A. V. Lendo imagens a partir de Vygotsky. **VI seminário leitura de imagens para a educação: múltiplas mídias**. Florianópolis. 2013, p. 215-224.

WEDEKIN, L. M. **Psicologia e arte: os diálogos de Vigotski com a arte russa de seu tempo**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.